

Psicanálise e mal-estar na cultura: Transmissão e transformações¹

Ane Marlise Port Rodrigues², Porto Alegre

Resumo: Considerando que a clínica psicanalítica é indissociável da reflexão em torno da cultura e de seus mal-estares, este trabalho problematiza a tendência endogâmica de nossas instituições e o fechamento de nossos institutos de psicanálise a um grupo restrito de pessoas, fatores que engessam sua expansão e democratização. Temos no Brasil fontes de enorme mal-estar, como a desigualdade social, o racismo, a violência de gênero e sobre orientações sexuais diversas, entre outras. Nossas instituições vêm sendo tensionadas em relação a uma transmissão da psicanálise alheia ao que se passa fora de seus muros e excludente para os que estão em outros territórios e nas periferias. Neste contexto, em 2020, é criado o Projeto Ubuntu da SBPdePA. Ao mesmo tempo, enormes resistências são mobilizadas na busca de mudanças e transformações na cultura e na estrutura de nossas instituições psicanalíticas IPA. As mudanças são muito lentas, mas já dão alguns sinais.

PALAVRAS-CHAVE: Formação psicanalítica; mal-estar na cultura; Racismo institucional; Resistências; Transformações.

A teoria e a praxis psicanalíticas foram fundadas no questionamento das normas morais e sociais imperantes na época de Freud, tendo um caráter subversivo e revolucionário. Aos psicanalistas cabe seguir questionando não só as normas sociais e morais de nossa época, mas também a própria teoria e praxis da psicanálise e os modos de funcionamento de suas instituições.

¹ Versão ampliada e modificada de trabalho apresentado na Jornada do CEP-SP, em 28/06/2025, on-line, na mesa “Implementação de Núcleos de Formação em Psicanálise: (Des)Equilíbrio entre requisitos canônicos e singularidades a considerar”.

² Psicanalista; Membro Titular com função didática da SBPdePA; Psicanalista de Crianças e Adolescentes pela IPA; Coordenadora da Comissão Ubuntu (2022-2026). anemprodrigues@gmail.com

A clínica psicanalítica é indissociável da reflexão em torno da cultura e de seus mal-estares (Freud, 1930). Ao enfatizarmos a singularidade de cada sujeito, convém lembrar que esta singularidade é gerada a partir do outro e do meio social. Freud (1921) já nos alertava sobre a impossibilidade de dissociar o psiquismo individual do contexto social.

Cada indivíduo se constitui através de processos subjetivos, socioculturais e histórico-políticos. Kaës (2011) reforça que o sujeito do inconsciente é um sujeito do vínculo, do grupo e seu contexto, destacando duas séries de organizadores para a relação que se estabelece entre sujeitos: organizadores psíquicos inconscientes e organizadores socioculturais.

Estarão nossas instituições desenvolvendo a percepção da importância fundamental da cultura e do meio social/familiar/climático sobre os modos de subjetivação do sujeito em sua singularidade, em consonância com o intrapsíquico pulsional? Estes aspectos são percebidos e trabalhados nas análises pessoais dos psicanalistas?

Contexto brasileiro e a inveja do futuro

No passado e no presente, a desigualdade social, a crescente concentração de riqueza entre poucos, o racismo estrutural antinegro e anti-Indígena, a violência contra a mulher, a homotransfobia, entre outros, são grandes fontes de sofrimento e mal-estar em território brasileiro. Observa-se ainda o aumento do antissemitismo e de células neonazistas na região sul do país. Somos um país fundado na violência do colonizador sobre o colonizado e de tradição escravocrata.

Os ataques aos povos originários e ao nosso ambiente seguem, apesar das várias catástrofes climáticas. A perda de áreas de florestas e do bioma pampa, as secas e inundações, os incêndios florestais, o aquecimento global, são algumas das mudanças em curso, sem controle efetivo e que se agravam por condutas humanas. As atividades humanas vêm afetando a Terra de tal forma que por ação humana estaríamos em um novo período geológico chamado antropoceno (Crutzen e Stoermer, 2000).

Krenak (2019), ao falar sobre os tempos atuais, sabiamente, nos diz:

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta e faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta

fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim.” (p. 26-27).

Cabe a pergunta: Como adiar o fim do mundo? Qual futuro que estamos construindo? Trachtenberg (2017) indaga sobre o que leva o homem a destruir as possibilidades de uma sobrevivência maior de nosso planeta e por que atacar as fontes de nossa subsistência e de futuras gerações? “Que espécie de psiquismo está colaborando para a destruição do planeta? Seria a inveja de toda essa beleza com que o mundo nos contempla?” (Chuster e Trachtenberg, 2009, p. 110).

Refere-se a Bion, que define a inveja como um impulso a inibir os bons objetos e as boas experiências que produzem crescimento e tal inibição produz de maneira simultânea um crescimento negativo, impedindo o indivíduo de aprender com as experiências vividas. A inveja é situada num modelo espectral que permite estabelecer diversos graus de correlação entre o crescimento positivo e negativo. Agrega que podemos denominar inveja do futuro a uma constelação de fenômenos que incluem: desconsideração com a natureza em diversos sentidos; ausência de preocupação pelas gerações futuras; degradação de uma ética de solidariedade etc.

Esses fenômenos remetem a uma ideia mortífera de imortalidade e não aceitação da morte. Bion, já em 1961, questiona “quem ou o que a raça humana pensa que é?” e diz que a pergunta e suas possíveis respostas tornaram-se urgentes desde que nossa capacidade de destruição aumentou. Surge, em diferentes momentos, uma preocupação da IPA com o envelhecimento de seus membros e a não entrada correspondente de jovens que queiram fazer a formação psicanalítica. Nos congressos, o predomínio de idosos chamaria a atenção, principalmente na Europa. Nick (2017) conta sobre uma conversa que ouviu entre quatro jovens no intervalo de um congresso IPA: “Nossa! Só tem gente velha! O que estamos fazendo aqui?”

Agrega que, no relatório de 2016 da Força-Tarefa para Questões Institucionais (criada em 2014), é referido que persiste o conflito intergeracional onde temos, por um lado, a geração mais velha tornando-se cada vez mais rígida e petrificada devido à sua ansiedade em relação a perdas e sobrevivência da psicanálise (não seriam também ansiedades em relação à própria finitude?) e, por outro lado, o desejo, entusiasmo e paixão da geração mais jovem querendo participar da psicanálise e da IPA, “ainda que se sinta maltratada, não ouvida e ignorada como força vital”.

O medo da morte e a ansiedade pela sobrevivência aparecem relacionados à questão de como os preciosos insights da psicanálise, conquistados com muito esforço, podem sobreviver. Nossa sobrevivência como instituição dependeria do equilíbrio entre o movimento de manter a psicanálise como bandeira contra as enormes mudanças culturais que enfrentamos na atualidade e o movimento de adaptação às mudanças, enfrentando uma “ladeira escorregadia” em relação aos nossos padrões de formação psicanalítica.

Conclui, reforçando sua confiança de um futuro frutífero para a IPA, pois tem uma força caracterizada pelo estudo das Relações Humanas e sua aplicação em diversos ambientes culturais. ‘Podemos nos perguntar o que se passa no funcionamento de nossas sociedades que possa dificultar a renovação, onde a passagem para gerações mais jovens se complica ou é escassa, principalmente na Europa. Parece, pelo menos no Brasil, que temos jovens interessados em análise pessoal ou em tornar-se psicanalista. Além dos habituais postulantes de classe médio-alta, temos os jovens das periferias e de menor poder aquisitivo com grande interesse na psicanálise.

Desde a efetivação da Lei das Cotas nas universidades públicas brasileiras, em 2012, pessoas que nunca tiveram contato com a psicanálise passam a estudá-la na universidade através de disciplinas e cursos. A universidade torna-se uma via de democratização do conhecimento psicanalítico e ativa-se a percepção da importância fundamental da psicanálise para o indivíduo e para a sociedade.

Segundo Camargo (2025), a psicanálise se tornou um projeto da branquitude europeia e mundial, sendo excludente para a maior parte da população. Pontua que a partir da produção acadêmica crítica e dos universitários cotistas interessados em psicanálise, a branquitude que ocupa as instituições brasileiras de psicanálise vai ser pressionada a abrir algum espaço, mas mediante pressão, pois não renuncia a nenhum privilégio espontaneamente. Considera importante a democratização da psicanálise em contraponto à sua banalização e reforça que a transmissão da psicanálise passa por sua democratização.

Para o autor, temos no Brasil vários coletivos, que se autodenominam como psicanalíticos, funcionando como verdadeiras clínicas públicas que fornecem uma escuta aos sofrimentos psíquicos em seus territórios, nas praças e espaços públicos.

É urgente que nossas instituições possam perceber o quanto são estruturadas a partir de um projeto da branquitude onde predomina o racismo institucional. Freud mostrava sua preocupação de que o racismo, na forma de antissemitismo, prejudicasse a aceitação da psicanálise por preconceitos contra os judeus.

Portanto, a própria psicanálise tem em sua criação e em seu criador o temor pelo racismo já presente na época. No entanto, Freud não previa que as próprias instituições de psicanálise e seus psicanalistas poderiam exercer o racismo em suas variadas formas.

Também importa indagar sobre como está se dando o envelhecimento dos membros mais antigos nas instituições. A ideia da finitude está presente, juntamente com percepção da necessidade da entrada de novas gerações e da distribuição de poder, para que a própria instituição possa se expandir e sobreviver? Favorecemos ou dificultamos essa renovação?

Como nos situamos no modelo espectral de nossa inveja do futuro e dos mais jovens que seguirão tendo o prazer da fruição da vida e de exercer a psicanálise?

Temporalidades e o tempo oportuno

Sabemos que o tempo passado (individual ou coletivo) também é vivido no presente, pois inscrito no inconsciente. O que fazemos no tempo presente já prepara nosso futuro. Nas temporalidades, temos: Chronos, o tempo cronológico, linear, sequencial, medido e quantitativo, criado por convenção; Kairos, que não é medido por relógios, mas pela qualidade do momento e pela oportunidade que oferece (o momento oportuno); Aion, tempo relacionado à experiência da eternidade, sem começo nem fim, circular, da duração ilimitada e referente à sequência das gerações.

Em Aion, estamos imersos numa temporalidade qualitativa, com tempos sobrepostos, constantemente interconectados. Ou seja, tudo o que vivemos no passado, como indivíduos ou nação, se atualiza constantemente no presente e, ao não ser transformado ou ressignificado, já marca nosso futuro.

A filosofia Sankofa do povo africano Akan (Costa do Marfim e Gana) tem como símbolo um pássaro que olha para trás. Traz a importância de aprender com o passado para construir o futuro e o pensamento de que nunca é tarde para voltar e reconhecer o que ficou para trás. Temos o resgate de uma sabedoria ancestral construída coletivamente e que se mantém viva na humanidade.

A transmissão oral destes conhecimentos resistiu à violência e ao ódio dos colonizadores e devastadores. Para andar para frente é necessário olhar para trás e pegar algo de lá. O movimento sugerido não é em linha reta, mas em uma circularidade aberta (Dravet e Oliveira, 2017). As pessoas brancas também têm sua ancestralidade no transgeracional e intergeracional, onde se alojam suas criações positivas, mas também muito marcada pela herança da violência colonial e escravista.

O ditado iorubá “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje” traz novamente a ideia de uma temporalidade complexa e circular, onde um ato simbólico ou uma ação no presente modifica algo do passado e tem consequências no futuro. Nas religiões de matriz africana, Exu é um orixá que desempenha um papel importante na comunicação entre os seres humanos e o mundo espiritual, sendo associado a encruzilhadas (não uma linha reta e única) e a abrir caminhos.

Nosso inconsciente, na temporalidade Aion, guarda o recalcado/cindido que ao ser mobilizado e elaborado hoje, muda algo do passado e cria futuros. Nossas ações sobre a natureza poderiam seguir a mesma lógica, desde que ainda tenhamos tempo de salvar algo, considerando que não a tenhamos destruído completamente até o ponto do não retorno.

Enquanto instituições de psicanálise, exercendo as pequenas ações da micropolítica, inseridas em nosso cotidiano, como situar o alcance de um projeto de ações afirmativas como o Projeto Ubuntu - Programa de Bolsas Formação Psicanalítica do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre para profissionais Negros, Negras e Indígenas das áreas de Psicologia e Medicina?

O tempo do momento oportuno (Kairos) que se configura ao criarmos a oportunidade da formação psicanalítica ao bolsista, soma-se ao tempo (Aion) de reparar hoje algo da ferida sangrante do racismo brasileiro, que segue do passado ao presente, marcando um futuro de dor e exclusão. A possibilidade de realizar a análise pessoal oportuniza que no presente as marcas traumáticas, geradas pelo preconceito, discriminação e humilhação desde a infância, encontrem espaço de ressignificação do passado e modifiquem algo do futuro.

O tempo oportuno também é uma oportunidade para os psicanalistas brancos de enfrentarem o trabalho psíquico de desconstrução do próprio racismo e de pactos de exclusão aos colegas negros, negras, indígenas e outros. Romper com o pacto narcísico da branquitude dentro de um grupo pode repercutir em perda de afetos amistosos e amorosos, pois nos tornamos os mensageiros das más notícias: somos todos racistas e exercemos a violência do racismo; temos de lidar com o retorno do projetado no outro negro ou indígena.

Também trazemos o mal-estar social do racismo e dos preconceitos para dentro da instituição. Já não fica tão fácil alienar-se dessa chaga nacional da qual somos cúmplices. As resistências da pessoa branca a racializar-se (ser mais uma raça entre outras) também dizem respeito a perdas narcísicas de ser o modelo do universal, do belo e do civilizado e de lugares de privilégios e exclusão. Kuperman (2025) opina que a exclusão também diz respeito a restringir a formação psicanalítica apenas a psicólogos/as e médicos/as.

O enfrentamento do racismo estrutural e institucional nos coloca frente à indagação sobre a existência de um devir possível. Frausino et al (2025) ao referirem a problemática identificatória do tornar-se negro e do tornar-se branco, compreendem esse tornar-se como um processo transitório que possa nos lançar a um outro lugar onde ser negro e ser branco seja uma questão de fenótipo e não de identidade e de identificações estanques e estereotipadas.

Após nos identificarmos, teríamos o trabalho de desidentificações e de reidentificações em direção a um ideal (utópico), proposto por Fanon, de uma humanidade radical. Trata-se de acreditar que transformações são possíveis e ir construindo utopias, as quais nos fazem caminhar em busca de novos horizontes, conforme Galeano nos ensina.

Marcas inconscientes, racismo e laço social

Isildinha Nogueira, em sua tese de doutorado “A cor do inconsciente” (2021), coloca as marcas que o racismo antinegro deixa no psiquismo da pessoa negra desde seu nascimento, com penetração na configuração do eu ideal e dos ideais do eu, fragilizando o eu, pois nunca alcança o ideal da brancura. Na pessoa branca, as marcas incluem o sentimento de superioridade, de representar o humano universal, de inferiorizar e desumanizar o outro negro.

A noção de branquitude (Bento, 2002) inclui o gozo sobre a exclusão e exploração da pessoa negra ou indígena, desumanizando-o, apropriando-se de seu corpo, gerando até mesmo seu extermínio.

O mal-estar na cultura, em Freud (1930), trata da renúncia necessária para ingressar na civilização, o que poderia levar à aparição de sintomas e adoecimentos. Em “Totem e tabu” (Freud, 1913), a renúncia pulsional de não ocupar o lugar de poder totalitário do pai da horda engendra o contrato/laço social entre irmãos. A fratria se organiza com a interdição do parricídio e do incesto e a necessária exogamia. Bleichmar (2016) se refere a uma ordem edípica que implica, além da proibição do incesto, a não apropriação sobre o corpo do outro.

Se essa regulação ética cria o espaço que dá lugar ao outro, temos seu registro psíquico, e é nesse sentido que seu efeito pode alcançar uma dimensão social (Sogliano, 2022).

Quanto às instituições psicanalíticas fundadas no âmbito da IPA (desde 1910) e seus modos de transmissão da psicanálise, podemos nos perguntar se estamos praticando o epistemicídio dos escritos de autores brasileiros negros e negras que estudam a teoria e prática psicanalítica. Estamos promovendo laços sociais com o outro diferente na cor e igual em humanidade? Suportamos que mal-estares contemporâneos adentrem nossa instituição e nossa sala de análise ou vamos nos blindar?

O bem-estar da branquitude brasileira é construído e se sustenta, principalmente, no mal-estar das pessoas negras e indígenas. Frequentemente, temos observado críticas aos muros criados pelas instituições psicanalíticas em relação ao que se passa fora de sua casa, não fazendo pontes com a comunidade ao redor, como num encastelamento.

Com o discurso de que o que é próprio da psicanálise é o trabalho intrapsíquico e singular (o que também é verdadeiro), muitos psicanalistas tendem a não situar esse sujeito em seu contexto, onde somos atravessados pela interseccionalidade de raça, classe social, gênero, orientações sexuais, entre outras (Akotirene, 2019). Mignolo (2006) pontua que não pode haver um só caminho para o conhecimento, algo uni-versal (ou a visão única de uma episteme eurocêntrica), mas muitos caminhos, pluri-versais. O pluriverso é pensado no sentido de criar condições para a coexistência de múltiplos saberes e mundos interconectados.

Ao adentrarmos na singularidade de cada sujeito, percebemos que seus processos psíquicos estão ligados aos processos psíquicos de outros. A presença do outro é condição para a constituição do psiquismo, com a presença de figuras identificatórias e moduladores do desejo.

A presença fundante do outro faz o entrelaçamento do intrapsíquico com o laço social (Muñiz, 2022). Mas, como nos lembra Aimé Césaire (2020), o colonizador ao acostumar-se a ver o outro nativo (ou escravizado) como um animal, desumanizando-o, tende a se transformar ele próprio em animal. Para não sentir o peso da consciência, desumaniza-se. Neste caso, não se estabelece o laço social e o outro nativo ou negro não é percebido como um semelhante. Fanon (2008) vai acrescentar à filogenia e à ontogenia, a dimensão da sociogenia no adoecimento psíquico.

Alves (2024) refere que quando nos deparamos com o desamparo dos corpos-sujeitos negros na cena político-social da violência antinegro, a ação específica de sobrevivência por meio da ajuda alheia não é presentificada pelo outro branco semelhante, afinal, ele é quem produziu e produz o roteiro colonial da violência. Podemos acrescentar que a pessoa negra e indígena não é, em geral, percebida como um semelhante pela pessoa branca, que se vê como superior e alheia aos seus sofrimentos.

Pontuações críticas às instituições de psicanálise IPA incluem funcionamento endogâmico, troca de privilégios entre o próprio grupo, programas teóricos eurocêntricos e brancocêntricos, com epistemicídio de saberes de autores negros ou não hegemônicos (Carneiro, 2009). Virgínia Leone Bicudo, considerada a primeira psicanalista brasileira e uma das fundadoras da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Brasília, não é estudada na imensa maioria dos institutos de psicanálise e seu pioneirismo não é, em geral, reconhecido, inclusive no âmbito da psicanálise infantil no Brasil.

Também temos colocações permeadas de cinismo e indiferença ao se colocar que para ser psicanalista basta o desejo, sendo que o desejo requer materialidade, recursos para pagar a análise, supervisões, locomoção, alimentação, entre outros. Este discurso exclui das formações psicanalíticas a presença de corpos-sujeitos não brancos, de classes menos privilegiadas.

Paim Filho (2022) nos faz a pergunta: “Por fim, nós, analistas, estamos dispostos a assumir a responsabilidade pela ruptura do pacto narcísico que a psicanálise efetuou com a branquitude?” (p. 171). Também adverte que o “não querer saber” dos brancos sobre o racismo estrutural e institucional, em um país de maioria negra, com a exclusão dos corpos negros das instituições de psicanálise, onde predomina a força endogâmica, é portador de uma auto-destrutividade que inevitavelmente compromete a vitalidade da psicanálise em todos os continentes.

Propõe o desenvolvimento de uma psicanálise decolonial, com desconstrução/construção, descentramento europeu e fertilização pelos saberes africanos.

Psicanálise periférica

Seguidamente, temos visto preocupações e críticas às várias propostas de formação psicanalítica fora das instituições oficiais. São vistas como ações enganosas, uma mercantilização da psicanálise visando dinheiro e lucro e iludindo as pessoas de que o que oferecem as tornarão psicanalistas. Além da legitimidade dessas preocupações, com base na realidade de várias “formações” oferecidas, seria importante nos perguntarmos qual a nossa parcela de responsabilidade por esta situação.

Quais as consequências do fechamento de nossas instituições em um grupo hegemônico, levando à exclusão de muitos que querem tornar-se psicanalistas, ter uma formação reconhecida e analisar-se. Ficam de fora os pretos, pardos, indígenas, pessoas de menor poder aquisitivo e que moram em áreas periféricas. Nossos preconceitos de cor, de classe, de território, com culturas, saberes e religiosidades diversas certamente estão presentes.

Temos observado movimentos ligados à psicanálise e que se organizam nas periferias. Um exemplo é o movimento “Psicanálise Periférica”, que é formado por um coletivo que busca ampliar o acesso e a prática da psicanálise especialmente em contextos periféricos e para grupos marginalizados, como pessoas não brancas e LGBTQIAPN+. Em sua apresentação é posto que há uma valorização da escuta atenta aos contextos específicos de cada território, buscando compreender as particularidades e necessidades das pessoas que ali vivem.

Promove publicações, como a “Revista de Psicanálise Periférica”, criada em 2023, e realiza encontros e debates para ampliar a discussão sobre o tema.

Na publicação de novembro/2024 sobre “Psicanálise Periférica: pela inauguração de uma psicanálise brasileira”, encontramos, entre vários, os seguintes artigos: “Carta aos jovens psicanalistas periféricos: não desistam da psicanálise, apesar da sua cafonice”; “Racismo e sexismo na cultura psicanalítica brasileira”; “A bicha preta no divã”; “Pela destituição da epistemologia mestra ocidental: caminhos frutíferos para ‘mudar a geografia da razão’” (Psicanálise Periférica, 2024).

Dentro do movimento “Psicanálise Periférica”, temos o “Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura”, que nasce das inquietações de dois psicanalistas periféricos – Jairo Carioca e Ronaldo Lopes –, movidos pelo desafio de expandir a prática clínica subversiva, na busca de investigar como o inconsciente influencia e se manifesta em diversos aspectos da cultura e das relações humanas, incluindo a Educação.

Entre os projetos supervisionados pelo Coletivo temos:

1) Dispositivo de Escuta Periférica Xica Manicongo - dedicado à escuta de indivíduos marginalizados pela violência urbana e pela exclusão social. Pessoas negras, moradores de periferia, mulheres desamparadas por políticas públicas ineficazes, aqueles que rompem com normas de gênero, como travestis e trans, e mães solo;

2) Oficina de Escrita Jornalista Gustavo de Lacerda - promove pesquisas afrocentradas e debates sobre gênero e sexualidade, garantindo a presença de corpos negros nos espaços de produção de saberes;

3) Escuta de Atendimento Emergencial - motivado pelo racismo ambiental e pelo sofrimento da população vulnerável do Rio Grande do Sul, este projeto foi iniciado voluntariamente, em maio de 2024, com um grupo de 90 psicanalistas que realizaram atendimentos on-line e ofereceram suporte emergencial àqueles mais afetados pela crise socioambiental. Os coordenadores do Coletivo são ligados ao Laboratório de Educação, Gênero e Sexualidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Sua V Jornada Internacional de Psicanálise, realizada em novembro de 2024, teve como tema “O Sagrado e seus (Des)Em-Cantos: Psicanálise, Religião e Educação Crítica na Construção de Novos Horizontes” (Coletivo, 2024).

A psicanálise não é propriedade da IPA e está inserida na cultura. Percebe-se nesses movimentos o trabalho de ampliação do alcance da escuta de base psicanalítica a pessoas e territórios para os quais nossas instituições não têm alcance ou interesse. Não temos como abranger todas essas problemáticas e territórios, não se trata disto.

Também não quer dizer que esses colegas quisessem fazer a formação em nossos institutos de psicanálise. Mas importa que possamos nos questionar sobre o nosso fechamento a essas pessoas, não criando condições para o ingresso daqueles que quisessem fazer uma formação psicanalítica vinculada à IPA.

No livro “O eu rasurado - Um manifesto de um “Devir-negro do mundo” pela insurreição do pensável”, Jairo Carioca de Oliveira (2025) diz que tornar-se negro implica criar uma fala própria, inventar uma linguagem sobre si mesmo ao invés de aceitar as narrativas impostas pela branquitude. Criar lugares próprios e transformar a raiva em força criativa. Coloca que a psicanálise tradicional diante do impensável – o Real de racismo, do fascismo, da transfobia e da vulnerabilidade social – recua. Propõe, como Isildinha Nogueira, a pergunta: que tipo de racista cada um de nós é?

O tripé, o quarto e o quinto eixos da formação psicanalítica

As instituições de psicanálise ligadas à IPA foram criadas para formar psicanalistas dentro dos parâmetros que incluem o tripé delineado por Eitingon e aprovado no Congresso de 1925: análise do analista, supervisões clínicas e seminários teóricos. Ocorrem algumas variações, mas essa é a base adotada pelos institutos de psicanálise da IPA.

Leivi (2016) refere que a ideia era gerar uma uniformização das condições da formação, que deveriam ser as mesmas em todos os lugares e no decorrer do tempo, não importando as diferenças geográficas, econômicas e socioculturais. Mas essa homogeneização pelo mundo nunca foi alcançada, tendo variações e sendo acrescentados, em 2007, os modelos francês e uruguaio.

A rigidez na formação psicanalítica é apontada como inibidora da espontaneidade, da liberdade, da singularidade e da criatividade. A infantilização dos candidatos e sua doutrinação eram criticadas. O autor considera que temos de lidar com um mal-estar inevitável na estrutura formativa da psicanálise, pois a institucionalização, que é inevitável e indispensável para realizar a formação de psicanalistas, ao mesmo tempo cria regras às quais analista e analisando terão de se submeter.

Portanto, a tensão entre a liberdade que a análise pessoal requer e o regramento institucional exigido será parte do mal-estar, pela oposição entre singular e geral, entre particular e universal. Leivi (2016) reforça a importância da elasticidade da técnica, já referida por Ferenczi, mas preservando os fundamentos do método: associação livre, atenção flutuante e a regra da abstinência.

No entanto, sabemos que nos casos de não neurose e da clínica do traumático, com descarga dos excessos pulsionais em ato ou no somático, a capacidade de associar livremente terá de ser construída, sendo um resultado do trabalho analítico.

O tratamento psicanalítico expandiu seu alcance para além dos quadros neuróticos.

O autor inclui na elasticidade da técnica a abertura do analista para encarar distintas singularidades de cada paciente e distintas realidades sociais, econômicas e políticas. Coloca que é preferível a elasticidade à obediência a regras estritas.

Além do tripé, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, e em outras sociedades, procura-se desenvolver o 4º e o 5º eixos da formação psicanalítica.

O 4º eixo da formação diz respeito às vivências institucionais, às trocas científicas e subjetivas, ao tipo de modelo escolhido para a formação, aos modos de distribuição de poder entre os membros (Rodrigues et al., 2007).

O 5º eixo da formação, assim denominado por Ana Rosa Trachtenberg (2013, 2018) em nossa instituição, dá conta do trabalho na comunidade, num movimento de expansão e vitalização da psicanálise. Podemos incluir aqui as várias ações junto à comunidade, em especial, as ações emergenciais de atendimento gratuito on-line realizados durante a pandemia (2020/2021) e durante as enchentes de maio/2024 no Estado do Rio Grande do Sul.

Uma comunidade quilombola do interior do Rio Grande do Sul segue em atendimento em 2025, tendo famílias que ainda não puderam retornar às suas casas e aguardam auxílio governamental. O Projeto Ubuntu e a Ação Emergencial Enchentes/2024 receberam prêmios de primeiro lugar nos Congressos IPA de 2023 (Cartagena/Colômbia) e 2025 (Lisboa/Portugal), respectivamente, conferidos pelos Comitê de Racismo e Preconceitos IPA e pelo Comitê IPA na Comunidade e Mundo/Clima.

Percebe-se uma abertura e validação da IPA para projetos voltados para fora dos consultórios, envolvendo os psicanalistas em sua comunidade e em problemáticas atuais presentes no mundo.

A criação, em 2020, do Projeto Ubuntu na SBPdePA - uma ação afirmativa com bolsas em dinheiro e isenção do pagamento da mensalidade e de outras taxas, com destinação de parte dos lucros das atividades societárias para o Fundo Financeiro Projeto Ubuntu, com participação da sociedade civil através de doações de pessoas físicas e jurídicas - vem tensionando o racismo individual e institucional, pois leva a mudanças na estrutura da instituição, garantindo o ingresso de corpos-sujeitos-negros até então excluídos e mobilizando o trabalho sobre as resistências. Assim como nos tratamentos individuais, a questão do dinheiro pode ser usada pela resistência a mudanças psíquicas.

As pressões para “silenciar este barulho”, deixar “quieto” o Projeto por mais tempo, para a não divulgação do Pix para os depósitos (pois seria usado para lavagem de dinheiro), a fala de que instituição ficaria com suas finanças muito comprometidas, são alguns dos exemplos como o significante dinheiro pode ser usado e trabalhado nas resistências à entrada dos colegas bolsistas. Alguns Membros do Instituto (candidatos) lembravam que tiveram de fazer sacrifícios para realizar sua formação, por que os colegas negros e indígenas também não poderiam se sacrificar?

Outros, aplaudem o Projeto e referem transformações em si mesmos e enriquecimento com a entrada dos novos colegas. Em 2025, contamos com sete bolsistas negros/as e nenhum indígena, sendo um vindo da medicina e seis da psicologia. O Projeto faz trabalhar o 4º eixo em relação ao racismo individual e institucional na medida do surgimento dos mal-estares próprios a esse enfrentamento.

Freud, em “O futuro de uma ilusão” (1927), traz os obstáculos para o progresso na regulação dos assuntos humanos. Diante das dificuldades de uma vida harmoniosa no grupo humano, constata que toda cultura parece ser construída sobre a coerção e a renúncia aos impulsos, mas que não está assegurado que estejamos preparados para assumir o trabalho necessário da renúncia pulsional para o bem comum. Fala da força das tendências destrutivas, antissociais e anticulturais que nos habitam. Pontua que as criações humanas são fáceis de destruir e que a ciência e a técnica que as construíram também podem ser empregadas na sua manipulação.

Seria demasiada ilusão desejarmos que nossas instituições de psicanálise e nós, os psicanalistas, pudéssemos iniciar o trabalho de renúncia ao gozo dos privilégios e da exclusão de corpos-sujeitos-negros, indígenas e com sexualidades diversas e dissidentes em nossos institutos de psicanálise? Seremos capazes de criar rupturas em nossos preconceitos e no secular pacto narcísico da branquitude que impregna nossos psiquismos e nossas instituições?

A inclusão da temática dos racismos e preconceitos, seja em seminários específicos ou transversalmente em seminários gerais, trazendo autores brasileiros e outros, movimenta a percepção consciente de nosso próprio racismo e preconceitos. No entanto, níveis inconscientes serão mobilizados principalmente na convivência, no campo da relação. Pontos de não percepção do racismo próprio e social/institucional afetam o trabalho do analista com seu analisando ao não identificar suas manifestações ou negar/desmentir a existência do racismo em si mesmo ou no seu analisando.

Comentários de que o bolsista que pega Uber (e não ônibus) ou almoça no restaurante (não traz sua marmita), não seria pobre o suficiente para receber a bolsa não são incomuns. A fala “Passei por sacrifícios para fazer minha formação, por que o bolsista também não pode se sacrificar?” tende a eliminar a desigualdade de oportunidades em relação a cor/etnia/classe/gênero/orientação sexual e nega o racismo subjacente, pois seríamos todos iguais.

O discurso da meritocracia traz embutido o racismo, pois afirma que todos podem conseguir o que quiserem por seus próprios méritos e que somos todos iguais (também presente no discurso neoliberal de que todos podem ser empreendedores de sucesso). A pessoa negra ou indígena que alcança um grau universitário se torna o topo da pirâmide social em seu grupo familiar, necessitando muitas vezes fornecer ajuda financeira aos demais. Em relação às pessoas brancas que estão em formação psicanalítica, é mais comum que sejam ajudadas por sua família a pagar os custos da formação psicanalítica ou despesas outras.

Esticar horizontes

O trabalho no grupo institucional requer lidar com a presença do outro e sua imposição, como nos ensinam Berenstein e Puget (1997), em contraponto à lógica da ausência e sua representação. O desafio aumenta com a entrada de corpos-sujeitos-negros, indígenas ou com sexualidades diversas. Como referido por Sant’Anna Jr. (2024): não se trata de sair da senzala para ocupar a casa grande; se trata de construir outra casa, onde teremos pontos de identificação e outros de opacidades não assimiláveis. Assim, vamos construindo um possível devir institucional em expansão e complexidade. E, lembrando Manoel de Barros: buscando esticar nossos horizontes.

Referências

- Akotirene, C. (2019). *O que é interseccionalidade*. Belo Horizonte, Letramento. (Col. Feminismos Plurais)
- Alves, M. C. (2024). *Violência antinegro e direito à opacidade: o lugar do semelhante para “Além do princípio do prazer” de sua majestade a branquitude*. In: *A luta antirracista escrevendo sua história no movimento psicanalítico: sobre a força transformadora dos coletivos*. Paim Fº, I. A. e cols. (orgs.) São Paulo: Blucher. 2025, no prelo.
- Andrade, E. (2025). Palestra na mesa *A formação psicanalítica no Brasil: entre a democratização e a banalização*. Jornada CEP-SP: “Psicanálise: transmissões e (de)formações”, on-line, em 28/06/2025.
- Bento, M. A. S. (2002). Branqueamento e branquitude no Brasil. In: Carone, I.; Bento, M. A.S. Orgs.). *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes.
- Berenstein, I.; puget, J. (1997). *Lo vincular*. Buenos Aires: Paidós.
- Bion, W. R. (1961). *La Concepción del hombre*. Psicoanálisis – Rev. Asoc. Psican. Columbiana, Vol. XXIX< n. 2, Julio a Diciembre 1977, p. 129-152.
- Bleichmar, S. (2016). *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires; Paidós. V. 1-2. (Trabalho original publicado em 2006)
- Carneiro, A. S. (2009). *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. São Paulo: USP. (Tese de Doutorado)
- Césaire, A. (2000). *Discurso sobre o colonialismo*. São Paulo: Veneta.
- Chuster, A.; Trachtenberg, R. (2009). *A inveja do futuro*. In: Chuster, A.; Trachtenberg, R.; *As sete invejas capitais*. Porto Alegre: Artmed, Cap.6, p.111-114, 2009.
- Coletivo de Pesquisa Ativista em Psicanálise, Educação e Cultura. (2024). *V Jornada Internacional de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 25/30 nov. 2024 (on-line) Disponível em: <<http://www.even3.com.br>> Acesso em: 14 jun. 2025.
- Crutzen, P. J.; Stoermer, E. F. *O antropoceno*. Piseagrama, Belo Horizonte, sem número, 06 de novembro de 2015. Disponível em: <<https://piseagrama.org/o-antropoceno>>. Acesso em: 18 maio 2025.

- Dravet, F. M.; Oliveira, A. S. *Relações entre a oralidade e escrita na comunicação: Sankofa, um provérbio africano*. Miscelânea, Assis, V. 21, janeiro-junho 2017, p.11-30.
- Fanon, F. (2008). *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA. (Trabalho original publicado em 1952)
- Ferenczi, S. (1984). *Elasticidad de la técnica psicoanalítica*. In: Ferenczi, S. *Obras Completas/Psicanálise*. Madrid; Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1928)
- Frausino, C. C. M.; Carneiro, C. A.; Paim Fº, I. A.; Lopes. M. T. S.; Amendoeira, P. *Racismo e a problemática identitária: o tornar-se negro, o tornar-se branco*. In: *UBUNTU – Eu sou porque nós somos – Trajetórias antirracistas no território psicanalítico*. Nogueira, E. G. F. e Squeff, R. S. (Orgs.). Porto Alegre: SBPdePA, 2025, p.147-165.
- Freud, S. (1913). Totem e tabu. In: Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V.13.
- Freud, S. (1921). Psicologia das massas e análise do eu. In: Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V. 18.
- Freud, S. (1927). O futuro de uma ilusão. In: Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V. 21.
- Freud, S. (1930). O mal-estar na cultura. In: Freud, S. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1972. V. 21
- Kaës, R. (2001). *Um singular plural*. São Paulo: Loyola.
- Krenak, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. 1º ed, 2019.
- Kupermann, D. (2025). Palestra na mesa *A formação psicanalítica no Brasil: entre a democratização e a banalização*; Jornada CEP-SP: “Psicanálise: transmissões e (de)formações”, on-line, em 28/06/2025.
- Leivi, M. (2016), *Acerca del malestar em la formación psicoanalítica*. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 18, n. 1, p. 104-119.
- Mignolo, W. (2006). *Os esplendores e as misérias da ciência: Colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluriversalidade epistêmica*. In: *Conhecimento prudente para uma vida decente* (Org. Boaventura de Sousa Santos). São Paulo: Cortez, p. 667-709.
- Muñoz, C. M. T. (2022). *O mal-estar na cultura e as subjetividades contemporâneas: a aposta da psicanálise*. *Caliban - Revista Latino-Americana de Psicanálise*, v. 20, n. 1, p. 104-119.

Nick, S. (2018). Texto enviado por e-mail ao Observatório Psicanalítico FEBRAPSI, em 16/01/2018.
Acesso em 20/01/2018.

Nogueira, I. B. (2021). *A cor do inconsciente: significações do corpo negro*. São Paulo: Perspectiva.
(Tese de doutorado, USP, 1989)

Oliveira, J. C. (2025). *O eu rasurado*. Nova Iguaçu: Ed. do Autor.

Paim Filho, I. (2022). *Racializando a psicanálise: rompendo as fronteiras alienantes da branquitude*.
Caliban - Revista Latino-Americana de Psicanálise, v. 20, n. 1, p. 169-175.

Psicanálise Periférica, v. 1, n. 1, nov. 2024. Disponível em:
<<http://www.periferica.periodikos.com.br/current>> Acesso em: 14 jun. 2025.

Rodrigues, A. M. P., Klöchner, L. M. S., Puiatti, R. I., Skowronsky, S. B. (2007). *O candidato e a instituição psicanalítica: um quarto eixo na formação analítica? Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, v. 9, n. 1, p. 47-75.

Sant'Anna Júnior, A. *Comunicação oral na atividade científica Colonialismo, Colonialidade e Mito da Democracia Racial: Escuta atrevivente em debate*, organizada pelo Núcleo Colonialismo, Racismo e Desigualdade da SBPdePA, agosto/2024.

Sogliano, G. (2022). *Como faremos para viver juntos? Ou sobre um “dizer” do futuro*. *Caliban - Revista Latino-Americana de Psicanálise*, v. 20, n. 1, p. 94-103.

Trachtenberg, A. R. C. (2013). *A psicanálise na África do Sul. Jornal da SBPdePA (A Psicanálise Extramuros)*, Porto Alegre, v. 17, n. 2, dez. 2013, p. 8-9.

Trachtenberg, A. R. C. (2018). *Comunicação oral na Atividade Inaugural do Instituto de Psicanálise da SBPdePA* (Palestrante Sérgio Nick - SBPRJ), em agosto/2018.

Trachtenberg, R. (2017). *Mundo terminable y interminable: el planeta y el psicoanálisis. Psicoanálisis - Rev. Asoc. Psican. Columbiana*, Vol.XXIX, n. 2, Julio a Diciembre 2017, p. 101-104.